

Prot. N. 00867/17

Curia Generalis
Fratrum Minorum
Capuccinorum

Carta Circular

Por ocasião da **Beatificação** de Frei

FRANCISCO SOLANO CASEY

Sacerdote Capuchinho

Detroit, 18 de novembro de 2017

Carta do Ministro Geral dos Frades Menores Capuchinhos

AOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS
ÀS IRMÃS CLARISSAS CAPUCHINHAS

Caros irmãos,
O Senhor Ihes dê a paz.

1. Uma vida educada na fé

Pela segunda vez neste ano, o Santo Padre Francisco doou à Ordem um novo Bem-aventurado: Francisco Solano Casey, sacerdote da Província de Calvary, nos Estados Unidos.

É o primeiro Bem-aventurado da Ordem nos Estados Unidos. Na sua espiritualidade, brilham de modo especial todas aquelas virtudes caras a São Francisco que os Capuchinhos souberam reinterpretar e repropor nas diferentes situações do tempo e dos lugares: humildade, simplicidade, pobreza, paciência, alegria, amor a Cristo e ao próximo; todas virtudes postas a serviço da escuta e da consolação.

Bernardo (Francisco Solano) Casey, sexto de dezesseis filhos, nasceu em Prescott, no Estado de Wisconsin (EUA), em 25 de novembro de 1870, em uma família de camponeses de origem irlandesa. Os pais, Bernard James Casey e

Ellen Elisabeth Murphy, deram aos seus filhos uma sólida educação religiosa: três deles se tornaram sacerdotes.

Terminada a educação básica, o jovem Bernardo exerceu várias funções: trabalhador agrícola, lenhador, mecânico, eletricista, carcereiro, motorista de bonde, padeiro. De caráter forte e voluntarioso, era dotado de um profundo espírito altruístico e de uma agradável dose de bom humor.

2. Senhor, que queres que eu faça?

Em 1892, com a idade de 22 anos, Bernardo ingressou no Seminário diocesano São Francisco de Sales em Milwaukee. Não tendo condições para pagar a mensalidade integral, prestou-se a trabalhar como barbeiro para os colegas. Por causa de sua não mais jovem idade e da preparação insuficiente, encontrará enormes dificuldades nos estudos, a tal ponto que, após cinco anos de seminário, os Superiores aconselharam-no a abandonar a perspectiva do sacerdócio e lhe sugeriram para se tornar religioso. Bernardo acatou o conselho, com humildade e confiança, buscando compreender o que Deus

quisesse dele. Durante o verão e o outono de 1896, adoeceu reiteradamente, acometido de uma dor de garganta que o acompanhou por toda a vida. Apoiado pela mãe e pela irmã Elena, continuou a pedir na oração para entender o que fazer. Significativo foi o encontro com Fr. Eustachio Vollmer, um frade menor que o encorajou a discernir a sua vocação entre os Frades Menores, sem, contudo, excluir os Frades Capuchinhos. O jovem Bernardo, na verdade, não demonstrava muito entusiasmo pelos Frades Capuchinhos, pois, naquele tempo, na Ordem se usava prevalentemente a língua alemã, e as dificuldades com esta língua já tinham se apresentado no seminário. Além disso, não aceitava o fato de ter que usar barba por toda a vida. Assim, apresentou o pedido tanto aos Frades Menores quanto aos Frades Capuchinhos, e iniciou uma novena a Nossa Senhora para pedir um pouco de luz.

3. Uma novena à Imaculada e, assim, bate à porta dos Frades Capuchinhos

Na vigília da Solenidade da Imaculada de 1896, compreendeu que devia ir aos Capuchinhos em Detroit. Em 14 de janeiro de 1897, no convento de São Boaventura em Detroit, iniciava o seu noviciado, deixando qualquer dúvida. Concluído o noviciado, em 21 de julho de 1898, emitiu a profissão, retomando os estudos de teologia no Seminário Seráfico de Milwaukee. As línguas usadas para o ensino, o alemão e o latim, não lhe facilitaram o aprendizado. Contudo, mesmo com esta dificuldade, os Superiores decidiram ordená-lo sacerdote, encorajados pelas palavras do Diretor de estudos: “Ordenaremos Fr. Francisco Solano e, como sacerdote, ele será para o povo uma espécie de Cura d’Ars”. Em 24 de julho de 1904, recebia a Ordenação sacerdotal como sacerdote simplex, com a dura cláusula de não ouvir confissões e nem pregar em público. A limitação imposta ao seu ministério foi certamente uma humilhação contínua e uma pesada cruz, mas Fr. Francisco Solano acolheu a decisão dos Superiores com espírito de fé e grande humildade.

4. “Homem e sacerdote simplex”: de uma limitação, brota uma vida santa

Logo após a ordenação sacerdotal, inicia a grande aventura de Frei Francisco Solano sa-

cerdote simplex ou, como ele frequentemente assina suas cartas, homo simplex, no total serviço dos frades e do povo mais pobre e necessitado que se aproxima do convento em busca de auxílio. Deste momento em diante, sempre teve encargos reservados ordinariamente aos irmãos leigos.

A sua primeira obediência o levou à fraternidade de Yonkers (1904-1918), como sacristão e assistente das mulheres que zelavam pelo decoro da igreja. A nova obediência o chamava em seguida a Manhattan (1918-1924), como porteiro e promotor da Obra Seráfica das Santas Missas para auxílio às Missões dos Capuchinhos. Este serviço, que podia parecer um mero registro administrativo, foi transformado por Frei Francisco Solano em promoção da participação da Santa Missa, da animação missionária e da necessidade de rezar pelos defuntos. Inscrevendo no registro o nome do doador, aí também inscrevia as intenções particulares do mesmo. Inscrevia todos, também quem não tinha como dar a pequena oferta. O povo simples tinha compreendido que Frei Francisco Solano não era um funcionário, um administrador, mas era uma pessoa que os acolhia, escutava-os, levava as dores de todos na sua oração ao Senhor. E os frutos não faltavam, pois Frei Francisco Solano encontrava-se ocupado todo o dia a escutar, consolar, instruir, acompanhar tantas pessoas. De 1923, por obediência do Superior, mantinha um registro onde as pessoas anotavam as graças recebidas, notando que estas eram fruto da oração, da participação da Santa Missa, da celebração dos sacramentos. Costumava assim repetir às muitas pessoas que tinham recebido uma graça, que “tudo era possível para quem tinha fé em Deus, na sua bondade, na sua misericórdia, na intercessão de Nossa Senhora, a Obra-prima de Deus”.

Em 1º de agosto de 1924. Frei Francisco Solano foi transferido ao convento de São Boaventura em Detroit, com a função de auxiliar do porteiro, e aí permaneceu até 1945. O porteiro oficial era também o alfaiate dos frades, pois a portaria não era muito frequentada. Com o passar do tempo, a campainha da portaria tocava com maior frequência, e sempre a porta se abria para falar com o auxiliar do porteiro. Neste período, Frei Francisco Solano foi também encarregado de presidir as

bênçãos dos enfermos, a chamada bênção de São Mauro, concedida com a relíquia da Santa Cruz, que se realizava a cada quarta-feira. A bênção tinha sido introduzida antes de sua chegada, mas com ele teve um crescimento extraordinário.

Durante os 21 anos de presença em Detroit, Frei Francesco Solano atraiu uma maré de pessoas que acorriam a ele, atraídas pela fama das suas virtudes e pelas graças extraordinárias atribuídas às suas orações.

Em 21 de julho de 1945, recebeu a obediência para deixar a fraternidade de Detroit, onde tinha deixado um profundo e real sinal da sua caridade, e transferir-se a Brooklyn (1945-1946). A transferência se fazia necessária para salvar a sua saúde, pois sofria de um grave eczema, mas sobretudo para impedir que seu nome fosse usado por uma Associação para vender livros. As pessoas, porém, continuaram a procurá-lo e, após um primeiro período de tranquilidade, o seu ritmo de acolhida às pessoas ou das respostas às inúmeras cartas tinha retomado a frequência de antes.

Frei Francisco Solano Casey já tinha 75 anos, a sua saúde estava em declínio e, assim, os Superiores pensaram em reduzir-lhe o serviço, transferindo-o à fraternidade de Huntington (1946-1956), lugar tranquilo na zona rural de Indiana. O retiro permaneceu oculto por poucos meses, mas, espalhando-se a notícia de sua nova residência, o povo se dirigiu ainda mais numeroso à portaria do convento.

Em 25 de janeiro de 1947, celebrava o 50º aniversário de profissão religiosa em Detroit, e uma imensa multidão quis participar deste evento, enquanto que, em 28 de julho de 1954, em Huntington, celebrava o 50º aniversário de sacerdócio. A sua saúde, porém, declinava lentamente e, após contínuas internações em um hospital de Detroit, os Superiores consideraram oportuno deixá-lo no convento São Boaventura em Detroit, onde falecerá em 31 de julho de 1957, com a idade de 87 anos.

5. Dom de si, acolhida e gratuidade: uma vida plenamente realizada

Frei Francisco Solano transcorria até dez horas por dia na portaria, sem jamais conceder-se uma trégua ou um período de férias. O seu serviço tinha se transformado em um

verdadeiro e próprio apostolado feito de boas palavras, caridade e paciência, tudo vivido na obediência. O que sustentava a sua cotidianidade era o desejo de viver, em cada particular, o mandamento do Senhor: “ama o Senhor teu Deus e ama o teu próximo”. Frei Francisco encarnava este preceito com simplicidade: fazer-se dom para o próximo, quem quer que fosse. O seu desejo de cumprir sempre a vontade de Deus, não se realizava na busca de uma forma exterior que pudesse ser conforme ele, pois “a caridade não procura o seu próprio interesse” (1Cor 13,5), não tende à observância de uma lei anônima e nem mesmo à busca e à realização de um projeto individual, mas à livre realização do plano de amor de Deus. A vontade de Deus interpela a nossa liberdade, que é um dom Seu e é chamada a aderir ao Seu desígnio. Esta adesão é mediada por palavras e decisões humanas, que a razão frequentemente tem dificuldade em compreender e acolher. Os Santos nos mostram que, quando a liberdade do homem acolhe o projeto de Deus, com amor e confiança, aí nasce o homem novo, liberto de si mesmo, capaz de saborear e viver os frutos da Redenção. Frei Francisco Solano viveu como homem redimido, desejoso de cumprir a vontade de Deus, seguindo três grandes linhas que ele mesmo tinha anotado em seu diário no momento do noviciado: desejo de dar glória a Deus, tender à escuta de Jesus e compromisso com a salvação das almas.

Frei Francisco Solano nasceu e cresceu em uma família católica, e esta foi a primeira escola de fé que deixou uma marca indelével em sua vida. Na família, tinha aprendido a rezar em cada momento da vida cotidiana. Seu olhar e seu pensamento eram formados ao desejo de bem pelos homens, sem fazer distinções em base às etnias ou às confissões religiosas, e isso não era assim deduzido em um contexto histórico e social, como aquele americano do início do século passado, onde conviviam homens e mulheres de nacionalidades e confissões religiosas diversas. Esta convivência, não raramente, gerava conflitos e contrastes; assistia-se a reivindicações para defender a própria autonomia e a fechamentos direcionados a defender a própria identidade cultural. Frei Francisco estava atento a todos, não excluía ninguém, e isso faz dele um daqueles “últimos que serão os primeiros”,

dos quais fala Jesus. A pessoa que batia à porta do convento encontrava em Frei Francisco um homem acolhedor, que não media o tempo, e que sobretudo escutava. O dom de si começava justamente a partir de uma postura de serena acolhida.

6. Algo para desejar e aprender

Irmãos, recuperemos e vivamos esta acolhida serena e gratuita! Vivamos esta gratuidade acolhedora em nossas fraternidades e com as pessoas com as quais diariamente nos aproximamos. Reencontremos a alegria de ser não apenas “frades do povo”, mas “frades com o povo”. Hoje, nos ritmos apressados e estressantes impostos pela sociedade e pelo projeto sempre mais evidente de fazer do homem um elemento para produzir riqueza, faz-se necessária a presença de pessoas que escutem, que se inclinem com discrição e ternura sobre as feridas da alma, que recordem aos mais pobres e aos desesperados o valor de sua dignidade, sustentando as palavras com a caridade operosa. Tudo com extrema gratuidade; a nossa alegre recompensa é ouvir a palavra de Jesus: “foi a mim que o fizestes”.

Também entre nós, eduquemo-nos à gratuidade! Permitamos que, diariamente, o “nosso muito o que fazer” encontre uma pausa para nos encontrarmos para um momento de repouso, de recreação com os irmãos. Não nos iludamos de que a tela de um computador, que nos confirma que temos 1000 ou mais “amigos” nas diversas redes sociais, e que satisfaz a nossa ânsia de sermos continuamente informados sobre tudo, ou mesmo o contínuo bate-papo e responder às mensagens que lotam o nosso celular, possam substituir o valor relacional de irmãos que se encontram gratuitamente para se escutarem, para sorrir juntos, quem sabe suscitando um pouco de humor, que frequentemente desarma e alivia as tensões. Frei Francisco Solano, para alegrar seus irmãos, pegava o violino e a sua música se fazia dom agradável para todos. O encontrar-se juntos às refeições, desligando o celular e doando-nos um pouco de tempo naquele espaço diário que a nossa tradição chama de recreação, é o modo mais simples para dar prosseguimento e concretude à celebração da Eucaristia e à oração comum e pessoal.

7. Qual “estar bem”?

Em seu ambiente familiar, Frei Francisco Solano tinha aprendido a necessidade de ganhar o pão. Esta educação lhe permitiu apreciar o valor das coisas, contrastando a índole individualista que habita a vida humana, que ostenta apenas reivindicações e direitos. Frequentemente, quando se tem tudo, sem nenhum esforço ou dedicação pessoal, submetemo-nos à lógica do “tudo é devido”, não somos mais capazes de perceber a necessidade do outro e nos retiramos em nosso próprio bem-estar egoísta. Esta postura, que gera uma lógica sutil de marginalização do próximo, não tem nada a ver com o seguimento de Jesus Cristo. Quem desce a este nível não é mais capaz de viver a obediência, que é disponibilidade para o Reino, mas o centro de toda expectativa se torna a própria realização, cujo fim é “o próprio estar bem”, não se deixando tocar por nada nem por ninguém.

8. O pobre: pessoa sagrada e digna

No momento da grande crise econômica dos anos 20 no século passado, Frei Francisco Solano foi destinado a Detroit. O contato com a dura realidade de quem não tem o que comer transforma-o, ou melhor, faz emergir de modo maravilhoso um aspecto da sua caridade: receber os pobres à porta do convento com o maior respeito pela sacralidade e dignidade de suas pessoas. Àqueles que se dirigiam a ele, Frei Francisco jamais perguntou de onde provinham, qual fé professavam, se tinham uma necessidade real ou fingiam; tratou todos com compaixão e sensibilidade, dando a cada um o quanto era dado também aos outros, sem favoritismos, sem parcialidade. Nele, o pobre encontrava o amigo e o confidente; diante dele, a vergonha de mostrar a própria indignância e o embaraço se dissipavam. Os olhos e as palavras daquele bom frade, sacerdote porteiro, não expressavam nenhuma condescendência ou juízo, mas mostravam apenas o desejo de compreender, ajudar e apoiar. Frei Francisco Solano era bem consciente de que o quanto podia dar ao pobre era dom da Providência, que se manifestava na generosidade e sensibilidade dos benfeitores. O poder gerir e distribuir tanta Providência o tornava “dono de nada”, nem

se gloriava do que cada dia dava aos pobres. A sua caridade não era para se sentir orgulhosamente bom e melhor do que os outros, mas era viver o encontro com o seu Senhor no pobre, era a comovente certeza de cumprir a Palavra de Jesus: “foi a mim que o fizestes”. Tudo vivido na gratuidade, recordando à sua gente que o Senhor é o doador de todo bem.

9. Uma vida feliz, apesar de...

A humildade de Frei Francisco é a marca de sua aventura humana mais tocante. Ficamos admirados de como, diante de uma negação para exercer plenamente o ministério presbiteral, a docilidade ao Espírito tenha gerado uma existência bem sucedida, bela, completa! Frei Francisco aceitou a realidade que, sem dúvida, apresentou-se por vezes dura, sobretudo quando teve que suportar a comparação de quem o considerava um frade sacerdote de série B. Isso não o impediu de assumir e integrar o limite que a sua história vocacional lhe colocava diante. Não contestou decisão alguma que podia e pode parecer contrária à dignidade de uma pessoa, acolheu-a passando pelo crivo da fé em Jesus, Senhor Crucificado e Ressuscitado. O crivo purificou as considerações humanas e deu a Frei Francisco um enraizamento profundo na pessoa do seu Senhor, no qual a nossa humanidade encontra paz e felicidade. Esta condição gerou em Frei Francisco um coração capaz de consolar, apoiar, acompanhar a dor e o drama de tantas pessoas.

10. Um obrigado particular


Irmãos caríssimos, o Bem-aventurado Francisco Solano Casey aumenta a já longa lista dos Santos e Bem-aventurados da nossa Ordem. Bendigamos ao Senhor pela sua bondade! Que Ele nos faça mais desejosos de viver a nossa vocação à santidade.

Aproveito desta feliz ocasião para agradecer os irmãos Carlo Calloni, Postulador Geral, e Tony Haddad, Assistente do Postulador Geral, pelo generoso esforço, de modo particular, pelo maravilhoso tríptico de Santidade que alegrou a nossa Ordem nestes últimos meses: o Bem-aventurado Arsênio de Trigolo, Santo Ângelo de Acri e o Bem-aventurado Francisco Solano Casey. Desejo estender também o meu agradecimento a todos os irmãos Vice-Postuladores que, nas Circunscrições da nossa Ordem, doam tempo e energias para colaborar com as muitas Causas de canonização em curso.

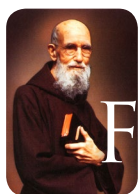
O Bem-aventurado Francisco Solano obtenha a todos os frades da Ordem e, em particular, aos frades da Província de Calvary, um autêntico espírito de fé capaz de olhar às realidades dos nossos dias para responder às diversas necessidades das pessoas do nosso tempo.

Fraternalmente,

Roma, 1º de novembro de 2017
Solenidade de Todos os Santos



Fr. Mauro Jöhri, OFM^{Cap}
Ministro Geral



FRANCISCO SOLANO CASEY
Carta Circular do Ministro Geral